

Instituto Nacional da Tradição
e Cultura Afro-Brasileira - INTECAB-PA



Nova Cartografia Social da Amazônia

Afro-religiosos na Cidade de Belém 3



399.6 (811.51)

T-0038

Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira INTECAB-PA

Coordenadores

Mam'etu Nangetu Uá Nzambi
Pai Luis Tayandô

Identificação dos participantes da oficina:

- 1. Ilda, 2. Iracema, 3. Lucimar, 4. Maria de Nazaré
- 5. Maria Pomposa, 6. Vanda, 7. Gamo de Oxumaré
- 8. Mãe Nalva, 9. Ogã Nelson, 10. Tat'etu Ângelo
- 11. Mam'etu Bete (Elizabeth), 12. Domingos
- 13. Socorro, 14. Ekede Rita, 15. Mãe Narê
- 16. Mam'etu Nangetu (Oneide),
- 17. Pai Tayandô (Luis), 18. Tata Kinambogi (Arthur),
- 19. Nazará Kosé, 20. Armando, 21. Patrícia Pantoja.



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
 Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia
 Fascículo 3
 Afro-religiosos na Cidade de Belém

ISBN:

Projeto Editorial

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA-UFAM, FAPEAM - CNPQ)

Equipe de Pesquisa

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Jurandir Santos de Novaes
Solange Ma. Gayoso da Costa
Rodrigo Macedo Lopes

Colaboradores

Mam'etu Nangetu Uá Nzambi
Pai Luis Tayandô
Arthur Leandro
Virgínia Nalva S. Almeida

Edição

Jurandir Santos de Novaes
Solange M^a Gayoso da Costa

Cartografia e mapa

Rodrigo Macedo Lopes

Projeto Gráfico

José Fernandes F. Neto

Equipe de Apoio

Adriana Carneiro
Cleonice Meireles de Macedo
Raimunda Negrão
Simone Gayoso da Costa

Em dezembro de 2005, em reunião do Conselho da Cidade e lideranças do movimento social de Belém, foi apresentado o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia e o resultado dos trabalhos de pesquisa com quebradeiras de coco babaçu e quilombolas. Das situações sociais identificadas resultou a mobilização dos presentes na reunião para o desenvolvimento do Projeto com grupos que vivem nas cidades. A partir desta reunião teve origem a Série "Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia". Esta série inicia com os indígenas, homossexuais, afro-religiosos e negros e negras de Belém e terá continuidade com outros grupos em Belém e outras cidades da Amazônia.



Participantes da Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia.
Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006

As nações afro-religiosas em Belém

“Somos da Nação Ketu, oriundo do Gantois, meu Babalorixá foi iniciado pelos Babalorixás Paulinho de Oxóssi, Augusto Cesar de Logun Edé, Ebomi Cidália de Iroko e Marinha de Ossain, todos iniciados por Mãe Menininha do Gantois, nosso axé foi plantado no conjunto Maguari há 21 anos no dia 17 de Junho. Também criamos uma instituição AFAIA - Associação dos Filhos e Amigos do Ile Axé Iyá Omi Axé Ofa Kare, o nosso trabalho está voltado para as políticas públicas de inclusão social, principalmente voltado para o povo dos terreiros; nossa instituição completa neste ano 19 anos de fundação”. (Nelson, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006)

“Sou Elizia Palheta dos santos, conhecida como mãe "IYÁ NARÊ" nome este que me foi dado pelo orixá em minha iniciação. Sou filha de "ogundewi" (Raimunda Cosme dos Santos), já falecida, que era filha de "obatundewi" que por sua vez vinha ser filha de "mãe Tintina de Oxalá", e assim por diante. A minha mãe era baiana e veio para o Pará no fim da década de sessenta, plantou a raiz dela aqui, a uns quarenta anos, iniciou uns doze ou treze filhos. Eu tenho trinta anos de iniciada com casa aberta a vinte e três anos. E to dando continuidade a raiz de minha mãe ogundewi junto com minhas descendências; como a "ominisaa" mais conhecida como mãe Nalva d'oxum que leva adiante a raiz da família de ketu mais antigo do Pará, que é a família de minha mãe”. (Iyá Narê, Oficina Nova Cartografia da Amazônia, Afro-religiosos de Belém, 24/04/2006).

“Meu nome é Oneide Monteiro Rodrigues, sou iniciada na nação Angola. Meu barco foi o maior barco que Belém teve, foi um barco de oito. Sou iniciada por Jorlando de Oliveira Sousa, e Lydio Mascarenhas. Meu pai Jorlando é filho de Sinhá Samba Diamongo, que é irmã de Joãozinho da Goméia e filha de Bernadinho da Paixão, Tat'etu Ampumandezu, fundador do Bate Folha. Aqui a casa tem 22 anos e aqui foi fundado o INTECAB, em 1993, e o Instituto Nangetu - de uns 8 anos pra cá. A minha raiz veio com o meu barco há 22 anos. Eu falo da minha raiz do Bate Folha, mas o Angola chega em Belém trazido pelo Astianax Gomes Barreiro que é o Angorence Bessenvi, desde 1960, e veio lá do seu Manoel Rufino lá no Beru, Salvador.” (Oneide, Nação Angola, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006).



Seminário Rede Saúde nos Terreiros, Belém, 2005

“A minha raiz vem de 1840 quando Dona Basilia Sofia saiu da cidade de Kumansi, como escrava e foi primeiro prá Bahia e de lá veio pro Maranhão e em 1864, fundou no interior da ilha o terreiro do Egito; de lá quando ela morreu em 1911, assumiu a casa, Dona Maria Pia e a Irae Akuo Vonuko, que fez um grande trabalho. Lá, da casa dela saiu pai Euclides, mãe Margarida Mota e pai Jorge Itaci que também são grandes expressão do Tambor de Mina. Dona Margarida Mota preparou o meu pai de santo, Orlando Bassu e que eu estou aqui já nessa geração; (...) Quando o Tambor de Mina organizado chegou aqui, aqui também já se batia o culto mina porque os negros minas vieram primeiro pra cá e estiveram na fundação ali da igreja de Nossa Senhora do Rosário da Campina. Tem registro, tem estatuto lá dizendo que eles vieram primeiro pra cá, depois que eles foram pro Maranhão.” (Pai Tayandô, Tambor de Mina, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006).

“A nação Umbanda, ela chegou realmente aqui, oficialmente, com a mãe Maria Aguiar. Quando mãe Maria Aguiar trouxe, foi ao Rio de Janeiro fez uma preparação; mãe Maria Aguiar era da Mina. Por volta de 1940, 43 e quando ela veio, ela veio com a força da Umbanda, mesmo misturando já Umbanda com a Mina, mas ela que é considerada a introdutora, oficialmente da Mina, mas existe também uma raiz que é do Domoloco, que é uma senhora que é filha do pai Tancredo Pinto, que eu não tenho a informação precisa sobre ela, mas ela é uma outra raiz; mas a mãe Maria Aguiar é considerada introdutora oficial da Umbanda aqui, mas ela praticou a Umbanda misturada com a Mina, que ela já praticava aqui, e ai foi difundido em todos os terreiros e templos. Essa raiz continuou assim misturada e tá até hoje. Agora essas casas de raízes do Tambor de Mina, como a casa do pai Aluisio Brasil, a nossa casa, a casa do Bassu e os descendentes dessas casas que conservam, que têm o nome de santo, são todos descendentes dessa raiz.” (Luiz, da Umbanda, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, PNCSA, 24/04/2006).

“A partir do momento que desembarcaram negros no Pará, começou a ter afroreligiosidade aqui. É que na realidade, a forma como nós estamos organizados hoje, em nações diferentes, em cultos diferentes, é apenas uma forma particular de expressar essa religiosidade” (Kinamboji, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006).

Afro-religiosidade e afro-descendência

“(…) nós somos brancos, mas nós somos afro e nós somos como o negro de cor, no cultuar, no amar juntamente com qualquer pessoa de cor, por que o orixá, por que o caboclo não escolhe pela cor, ele escolhe o amor, o carinho (…).” (Oneide, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006).

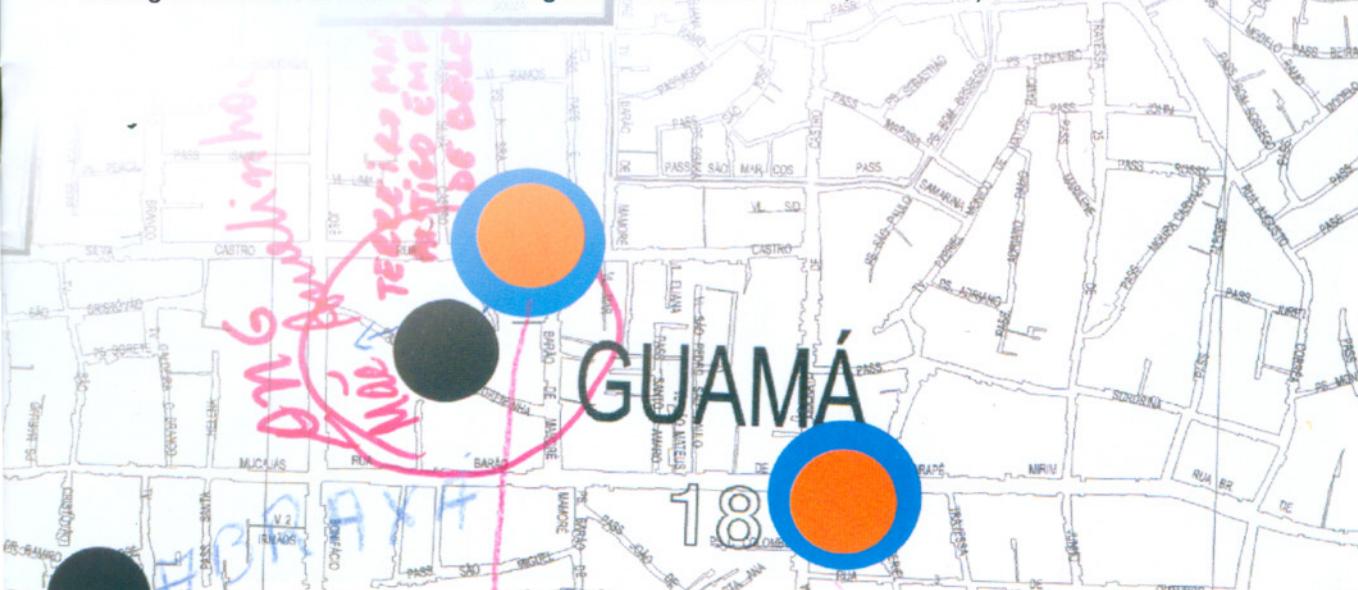
“(…) é diferente, ser negro é uma coisa, ser afro-religioso é outra, (...) isso não é suposição, é fato, quando a gente encontra um zelador de santo negro, as pessoas até estranham por que você vê trinta de cor branca, agora ascendência dessa pessoa, qual é? É negra, todos nós somos miscigenados (...) a gente tem que botar bem claro uma coisa, afro-religiosidade, afro-descendência são coisas dispares, elas depois se unem. Mas elas a principio, são coisas diferentes, você ser afro-religioso é uma coisa, você ser afro-descendente é outra.” (Ângelo, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006).

Porque o fascículo

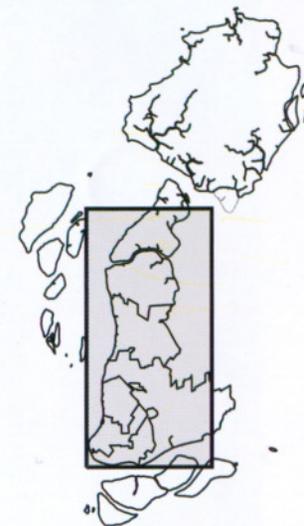
“(…) é muito bom participar de um negócio desse, nós não somos apenas informantes, mas parece assim (...) aqui nós temos que tomar uma decisão sobre aquilo que estamos fazendo, e isso pra mim é muito satisfatório. Não tô simplesmente prestando informações pro professor doutor, que depois vai fazer as considerações dele, mas parece que a posição do pesquisador neste processo é só da organização das informações, e não uma tomada autoritária de poder de decisão, de interpretação e isso é muito legal.” (Kinamboji, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006).

“Vai ser um documento que nós vamos ter, prá mostrar parte da nossa cara. Nós vamos ter um documento oficial, que nós podemos usar no trabalho, em projetos. Prá mostrar pelo menos o quanto nós somos, pelo menos o quanto foi identificado que nós somos, as nossas reivindicações” é um documento muito importante.” (Pai Luis Tayandô Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006).

“Dá visibilidade à religião e aos nossos trabalhos. Quando eu digo trabalho, são as nossas conquistas, que a gente fez e a atuação da afro-religiosidade na sociedade.” (Mãe Nalva, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006).



AFRO-RELIGIOSOS NA CIDADE DE BELÉM:



- ⊕ Formas organizativas do movimento:
 - Nações (Umbanda, Mira, Ketú, Angola e Jeje)
 - Federações
 - Institutos
 - Associações
 - Organizações não governamentais - ONG's

- ⊕ Formas organizativas com representação dos afro-religiosos:
 - Conselho das Negras e Negros de Belém
 - Conselho da Cidade de Belém
 - Conselho Municipal de Direitos Humanos
 - Forum de Entidades Negras e Afro-religiosas do Pará - FENAP
 - Ordem dos Advogados do Brasil - OAB
 - Grupo de Homossexuais do Pará - GHP

- 🏠 Estruturas de apoio ao movimento assinaladas pelos participantes da oficina:
 - Ministério da Saúde

O Congresso da Cidade e a organização dos afro-religiosos de Belém

“Eu vejo como uma grande conquista, como eu estava falando, é que a gente avançou muito, eu acho que nós avançamos e tiveram poucas perdas e tivemos diversos avanços; isso é uma conquista brilhante da gente ter: universidade apoiando, ong's (...) Entendo como a continuação do trabalho lá de trás; a gente em movimento no congresso da cidade. Eu vejo este projeto ainda como uma continuação desse trabalho nosso lá atrás, do congresso da cidade.” (Oneide, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006).

Situações identificadas

“É difícil da gente localizar os conflitos no mapa da cidade, por que o preconceito não tem um lugar fixo de exercício, não tem um lugar definido onde se exerce preconceito; ele está em todo lugar. Mas existe no nosso caso, o problema com a vizinhança, existe o problema institucional, por exemplo: as leis ambientais estão sendo usadas para tolir as religiões afro-brasileiras; a própria questão de nós fazermos despacho na rua, vizinho denuncia como se despacho fosse lixo, quando não é, é objeto religioso, é ritual; existe a questão da mídia, também dentro de uma coisa que chamo de problemas de preconceito institucional, por que a mídia é instituição, as radios e televisões são estatais, é concessão que só o presidente pode fazer e aí as igrejas eletrônicas se instalam em redes de comunicação, e essas redes institucionalizam preconceito à afro-religiosidade. (Kinamboji, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006).

Seminário Rede Saúde nos Terreiros, Belém, 2005



“A maior intolerância na imprensa, foi a divulgação em rede nacional de um vídeo difamatório sobre os afro-religiosos de Belém, quando o Palácio Antonio Lemos foi aberto para nós em 2002” (Mam’etu Nangetu, Reunião do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, junho de 2006)

Outra situação identificada é o tratamento dado pelos organismos oficiais, à afro-religiosidade. Como exemplo disso, pode-se citar a classificação utilizada pelo IBGE, no Censo Demográfico de 2000, para identificar os afro-religiosos, a qual utilizou apenas a Umbanda e o Candomblé, não contemplando as outras nações existentes. Isto é considerado pelos afro-religiosos, presente na oficina, como um fator que dificulta a auto-identificação daqueles que possuem nações diferentes. O que por sua vez, vem repercutir no registro do número de pessoas que praticam a afro-religiosidade em Belém.

“Eu passei por esse preconceito duas vezes, primeira vez meu barracão foi apedrejado, ai eu fui lá resolver o problema com a pessoa, foi resolvido o problema, depois acabou se tornando até meu amigo. A segunda vez foi na saída de um filho de Santo meu, uma feitura de um Tata Kiwonda, era meia noite e o candomblé estava em seu final, a cerimônia havia acabado, ai quando cheguei na porta da minha casa tava um carro da polícia ambiental, uma pessoa de dentro do carro me falou que tinha havido uma denúncia, com relação ao barulho, isso era 15 pra meia noite de um sábado pra domingo; eu me virei pra pessoa e disse que ele estava atropelando os meus direitos de religioso, falei que havia em Belém uma lei que se aplicava a bares, restaurantes, boates, etc, isso aqui não é nada disso; isso aqui é uma instituição religiosa, nós estamos fazendo um culto religioso. Então essa lei não se aplica a nós. Depois o reconheci, ele era um praticante de minha religião. Como um freqüentador de candomblé se prestava a tentar proibir aquilo que praticava? São as incoerências de ser afro-religioso. Muitos são mas não assumem.(...)” (Ângelo, Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006).



Congresso da Cidade, 2002



Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia.
Afro-religiosos na cidade de Belém, 24 de abril de 2006



Festa das Raças, Palácio Antônio Lemos, 2002

Formas de mobilização

Como forma de mobilização o movimento utiliza os cultos e atos religiosos, manifestações, campanhas de orientação e prevenção à saúde através do Projeto Saúde nos Terreiros, seminários, oficinas, seções solenes na Câmara Municipal. Essas atividades são desenvolvidas nos terreiros, nos locais de mata e rios, nas praças, cemitérios, espaços públicos.

Conquistas

Instalação e funcionamento da REDE SAÚDE NOS TERREIROS;

Tratamento igualitário para cerimônias fúnebres em cemitérios municipais;

Festa das Raças dentro do Palácio Antônio Lemos em 2002;

Apoio para a organização das casas de culto como o das ONGs;

Projeto e início da construção do Centro de Referência da Cultura Negra;

Participação do segmento afro-religioso no Congresso da Cidade;

Reconhecimento, através de Leis do legislativo municipal e estadual, do dia 18 de março como Dia da Umbanda e das Religiões Afro-brasileiras de Belém e do Estado do Para;

Realização de Sessão Solene anual na Câmara Municipal desde o dia 17/03/2005 em comemoração ao Dia da Umbanda e das Religiões Afro-brasileiras;

Regularização das Casas de Cultos como ONGs;

Início do processo para isenção do IPTU das Casas de Santo;

Inserção dos terreiros como local de distribuição das Cestas Básicas para pessoas de baixa renda, como parte do Programa Fome Zero;

Realização de Congressos Municipais de afro-religiosos, e outros seminários e cursos de capacitação (inclusive da rede saúde nos terreiros);

Reuniões no Ministério Público para tomada de posição contra a disseminação da intolerância religiosa;

Participação nas conferências nacionais da SEPPIR (2005) e CNSDDH

União dos Afro-religiosos de Icoaraci e Outeiro;

Reconhecimento e homenagem da OAB-PA para a Rede Saúde nos Terreiros como trabalho de defesa dos direitos humanos;

A produção do documentário "A descoberta da Amazônia pelos Turcos Encantados" sobre a afro-religiosidade em Belém;

Vitória judicial de Mãe Omim Kalaja para tomar posse e construir unidades de sua casa religiosa em Icoaraci.

"De 2000 pra cá nós tivemos muitos ganhos, muitos ganhos, de aparecer, de poder vestir essa roupa e poder sair, só quem tinha ousadia de sair com uma roupa afro, era o pai dele - o seu Orlando Bassu, por que se a gente saísse eles apedrejavam, a gente não podia entrar em ônibus, eles faziam careta. (Oneide, **Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Afro-religiosos na Cidade de Belém, 24/04/2006**).

Pauta do Movimento

Conclusão do Centro de Referência da Cultura Negra;

Manutenção ou Retomada da Festa das Raças no Palácio Antonio Lemos;

Não constrangimento nos espaços públicos como cemitérios e hospitais;

Direito de realizar os rituais/atendimento aos doentes nos hospitais fazendo uso da nossa tradição, dos nossos remédios e nosso acolhimento;

Construção de um hospital aos moldes da nossa teologia e das nossas práticas;

Isenção do IPTU para todos os terreiros;

Reconhecimento de todas as casas com Casas de Culto;

Uma área de mata com igarapé destinada aos rituais;

Construção de uma Praça em homenagem aos afro-religiosos de Belém

Contatos

Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira - INTECAB-PA

Endereço: Tv. Pirajá, 1194/Marco. Belém/PA. Cep: 66.087-490, fone: (91)32267599, e-mail: intecabpara@gmail.com

ACAOÃ - Associação Cultural Afro-brasileira de Oxaguiã

Rua Américo Santa Rosa, nº 42, São Brás, Belém-Pará
Cep: 66090-230, fone: 3229-8938
e-mail: acaoa@bol.com.br

Instituto Nangetu de Tradição Afro-religiosa e Desenvolvimento Social

Tv. Pirajá, nº 1194, Marco, Belém-Pa
Cep: 66087-490, fone: 3226-7599
e-mail: nangetu@hotmail.com / intecab@bol.com.br

ACIYOMI - Associação Afro-religiosa e Cultural Ilê Yabá Omi

Rua da Olaria, nº 38, Terra Firme, Belém-Pa
Cep: 66070-710, fone: 3253-1318
e-mail: aciyomi@yahoo.com.br

Seara de Umbanda Ogum Rompe-mata

Rua Ferreira Filho, Quadra nº 35, Bengüi, Belém-Pa
Cep: 66630-200, fone: 9123-6563

Instituto Amazônico de Planejamento, Gestão Urbana e Ambiental - IAGUA

End: Tv. Dr. Enéas Pinheiro, 2394, Marco, Belém-Pa
Cep: 66095-100, fone:(91)3276-1133
email: iagua@oi.com.br

Participantes da Oficina

Nome	Nação
Alessandro de Jesus	Angola
Ângelo Sávio L. Imbiriba	Angola
Armando D. S. B. Melo	Ketú
Arthur Leandro /Táta Kinamboji	Angola
Daivid de Tacio Souza da Trindade	Ketú
Domingos Conceição	-
Elisia P. Santos	Ketú
Elizabeth Pantoja	Angola
Hilda Silva da Silva	Ketú
Iracema Martins	Umbanda
Kátia Andrade	Angola
Lazaro Nogueira	Angola
Lucimar Araújo do Carmo	-
Luiz Augusto Loureiro Cunha	Mina
Mam' etu Nangetu/ Oneide Rodrigues	Angola
Maria de Nazaré Andrade	Angola
Maria de Nazaré J. da Silva	Angola
Maria de Nazaré	-
Maria do Socorro Santos Coêlho	Ketú
Maria Pomposa	Ketú
Nelson Santos	Ketú
Patrícia Pantoja	Angola
Rita Elidiane	Ketú
Uriel de Azevedo	Angola
Vanda Lúcia S. Soares	Umbanda
Virginia Nalva S. Almeida	Ketú



Entrega das Comendas: Ancestralidade, fé e resistência, Memorial dos Índios, maio de 2002

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - PPGSCA - UFAM)

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

1. Indígenas na Cidade de Belém
2. Homossexuais na Cidade de Belém
3. Afro-religiosos na Cidade de Belém
4. Negras e Negros na Cidade de Belém
5. Catadores na Cidade de Belém
6. Pessoas com deficiências na Cidade de Belém

Realização



INTECAB-PA



UFPA

IARA
Instituto Livre Universidade
Rios do Amanhã

Apoio



FORD FOUNDATION



UFAM

CONAQ
Coordenação Nacional
das Comunidades
Remanescentes
dos Quilombos



UNAMAZ



CSE/UFPA

